

DESCOBERTA DE FORNOS LUSITANO-ROMANOS NA REGIÃO DA MARATECA (SETÚBAL)

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA, G. ZBYSZEWSKI

E O. DA VEIGA FERREIRA

I — DESCOBERTA E LOCALIZAÇÃO

No decorrer dos levantamentos geológicos da carta geológica à escala de 1:50.000, na região da Marateca, foram descobertos pelos técnicos dos Serviços Geológicos de Portugal três fornos lusitano-romanos na Herdade do Pinheiro, cerca de 300m norte do sítio das Olarias, e a 1.500 m norte do Monte do Pinheiro, na carta topográfica da escala de 1:25.000, n.º 466. O local tem ainda o nome de Monte dos Cacos. Os fornos estão situados na borda do canal de rega e foram postos a descoberto pela boldowzer ao retirar areia para o canal. É, pois, sobre estes fornos inéditos que trazemos agora, a público, a seguinte nota.

II — INVENTÁRIO DOS FORNOS LUSITANO-ROMANOS EM PORTUGAL

Os fornos lusitano-romanos ou «fornaces» têm antecedentes de muito maior antiguidade do que se supõe, pois em Espanha foram descobertos e explorados fornos para cozer cerâmica que lançam as suas raízes muito para lá da época lusitano-romana. Em Portugal, por

exemplo, é conhecido já um forno para cerâmica doméstica ou talvez mesmo industrial (cadinhos, tubos de forja, etc.) no Castro de Vila Nova de S. Pedro, no Cartaxo, que data da época da Cultura do Vaso campaniforme (1).

Na presente nota vamo-nos ocupar, apenas, dos fornos lusitano-romanos da Herdade do Pinheiro - Marateca aproveitando para apresentar um inventário dos que conhecemos até agora em Portugal. No mapa junto indicamos, de norte para sul, os seguintes locais onde se encontraram fornos daquele tipo:

Guimarães — Luís de Pina fala de construções em forno da Ribeira de S. João da Ponte (2).

Vila Real — Albuquerque e Castro e Lúcio Cordeiro referem-se a uma construção antiga que pode bem ser um forno lusitano-romano (3).

Coimbra — A. A. de Cortesão (4) publica um artigo sobre umas ruínas de uma construção antiga que existe, ou existiu, em S. João do Campo, Concelho de Coimbra. Albuquerque e Castro confirma que se trata duma *fornax* lusitano-romana. Bairrão Oleiro deu a notícia a Albuquerque e Castro de existirem em Coimbra duas outras construções semelhantes.

Figueira da Foz — Santos Rocha (5) estudou três fornos encontrados no sítio da Pedrulha, freguesia de Brenha. Dois seriam para cerâmica e o terceiro para cal.

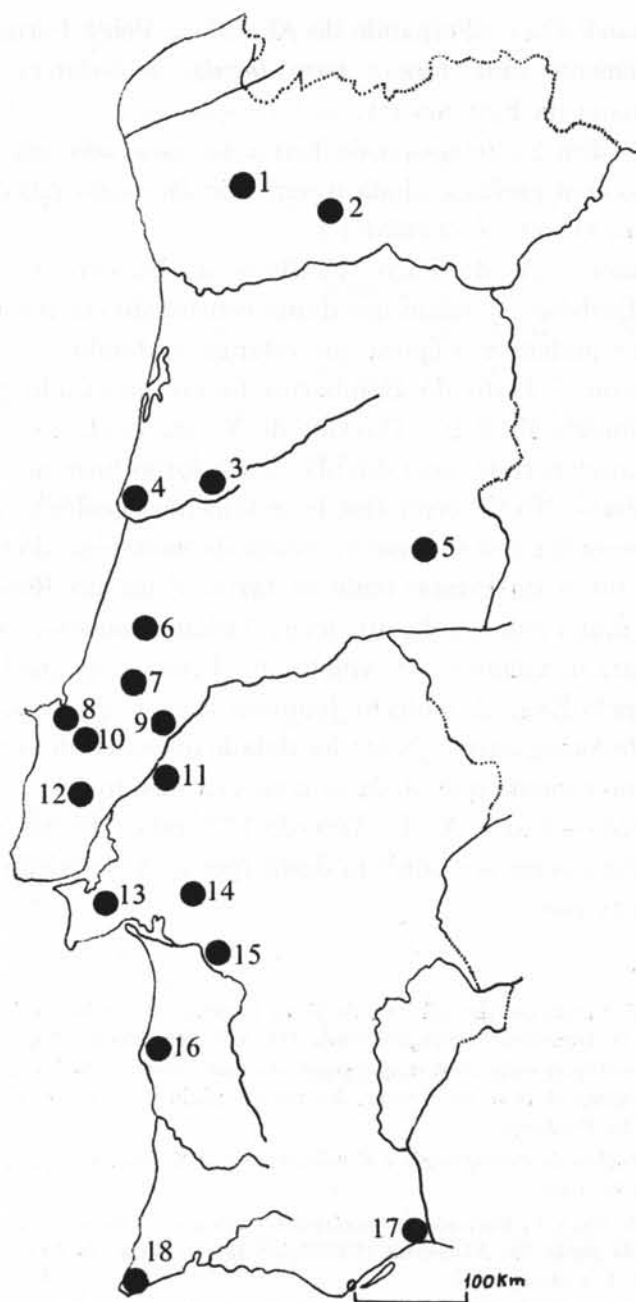
(1) A. do Paço e E. Sangmeister, «Vila Nova de S. Pedro-Eine besfetzte Siedlung der Kupperzeit in Portugal», *Germania*, T. 34, fasc. 3-4, Berlim.

(2) Luís de Pina, «Subsídios para a arqueologia do Concelho de Guimarães — Os fornos da Ribeira de S. João da Ponte», *Revista de Guimarães*, vol. XXXVIII, Guimarães, 1928.

(3) L. de Albuquerque e Castro e M. Lúcio de Azevedo, «Um forno Luso-romano», *Estudos, Notas e Trab. do Serv. Fom. Mineiro*, vol. X, fasc. 1-2, Porto, 1963.

(4) A. A. Cortesão, «Uma construção antiga», *O Archeólogo Português*, vol. XIII, p. 92, Lisboa, 1908.

(5) A. dos Santos Rocha, «Fornos Luso-romanos da freguesia de Brenha», *Mem. sobre a Antiguidade*, Figueira da Foz, 1897.



Mapa de Portugal com a indicação dos lugares onde conhecemos fornos lusitano-romanos: 1 — Guimarães; 2 — Vila Real; 3 — Coimbra; 4 — Figueira da Foz; 5 — Egitânia; 6 — Leiria; 7 — Rio Maior; 8 — Bombarral; 9 — Santarém; 10 — Bragança; 11 — Porto Sabugueiro (Muge); 12 — Arruda dos Vinhos; 13 — Azeitão; 14 — Marateca; 15 — Alcácer do Sal; 16 — Sines; 17 — Castro Marim; 18 — Ponta de Sagres.

Idanha-a-Velha — Fernando de Almeida e Veiga Ferreira estudaram recentemente uma *fornax* para *tegulae* e *imbrices* na cidade lusitano-romana da Egitânia (6).

Leiria — Em S. Sebastião de Leiria foi escavado um forno lusitano-romano com grelha e ainda o muro de alvenaria refratária sobre os agulheiros. O forno é circular (7).

Rio Maior — A. do Paço, F. Barbosa, Nascimento e Sousa e Bergstrom Barbosa (8) falam-nos duma construção em forno com grelha que deve pertencer à época que estamos tratando.

Bombarral — Perto do Bombarral foi-nos mostrado pelo amigo Jorge de Almeida Monteiro, Director do Museu local, uma construção com grelha pertencendo, sem dúvida, a um forno lusitano-romano.

Santarém — No decorrer dos levantamentos geológicos na escala de 1:2000 encontramos, mesmo à entrada de Santarém, do lado direito da estrada junto do campo onde se faz a Feira do Ribatejo, uma construção muito intacta de um forno lusitano-romano. Aqui fica a indicação para os vindouros o explorarem. Fomos acompanhados nesta descoberta pelo Eng.º-Arquitecto Joaquim Elias Gonçalves.

Porto do Sabugueiro — Nesta localidade foi escavado, em 1963, um forno lusitano-romano que ainda se conserva inédito (9).

Pragança — Pedro A. de Azevedo (10) indica fornos antigos em Pragança que devem ser também desta época. A descrição que lemos parece indicar isso.

(6) D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, «Uma fornax lusitano-romana na Egitânia», *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. III, Lisboa, 1969. Aproveitamos ocasião para rectificar duas gralhas que passaram neste nosso trabalho. Assim na p. 69 onde se lê Bragança deve-se ler Alcácer. Na mesma página, em baixo, onde se lê Bragança deve-se ler Pragança.

(7) *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XX, fasc. 1-2, p. 150-152, Est. 1, fig 2. Porto, 1965-1966.

(8) A. do Paço, F. Barbosa, J. Nascimento e Sousa e F. Berstrom Barbosa, «Notas arqueológicas da região das Alcobertas (Rio Maior *Actas e Mem. do I Cong. Nac. de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

(9) *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, «varia», p. 157, nota infrapaginal. Vol. XX, fasc. 1-2, Porto, 1965-1966.

(10) Pedro A. de Azevedo, «Fornos antigos em Pragança», *O Archeologo Português*, vol. X, Lisboa, 1905.

Arruda dos Vinhos — P. Belchior da Cruz cita a descoberta dum grande forno que tinha servido para a fabricação de telha e tijolo a leste da Vila de Arruda dos Vinhos (11).

Azeitão — Por indicação do Dr. Manuel Leitão e do Eng.º C. T. North há, perto desta localidade, uma construção que parece ser um forno lusitano-romano.

Marateca — Nesta localidade, além dos fornos aqui relatados, descobrimos ainda intactos mais dois na Herdade do Monte Novo e caminho do Monte da Abula. Nesta última localidade há uma colina juncada de restos de cerâmica para construção, lusitano-romanos. Tratar-se-á de mais um forno ainda enterrado?

Alcácer do Sal — Joaquim Baptista Correia (12) fala duma construção na região de Salácia. Pela descrição parece tratar-se dum forno do mesmo tipo dos que estamos enumerando.

Sines — Nesta localidade temos indicação dum outro forno escavado por José Miguel da Costa, Director do Museu, conservando-se ainda inédito o seu estudo. Fica ao lado da muralha sul do Castelo de Sines.

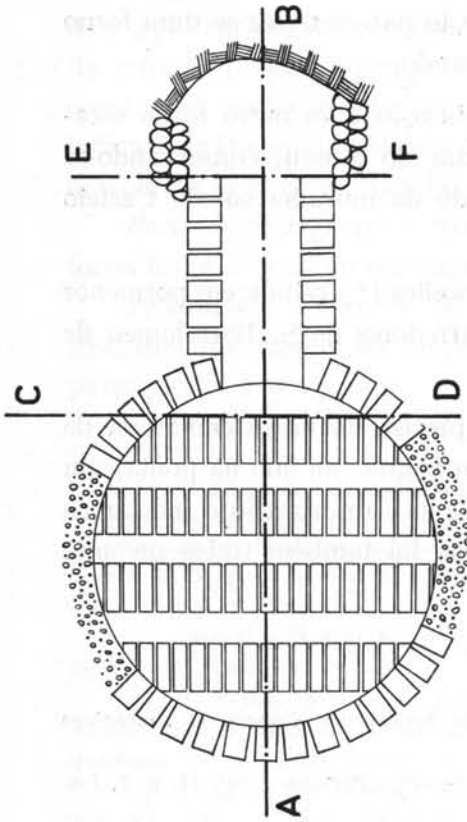
Castro Marim — J. Leite de Vasconcellos (13) estuda em pormenor um forno redondo, com ânforas, nos arredores de S. Bartolomeu de Castro Marim.

Ponta de Sagres — Por indicação precisa do nosso camarada de trabalho, Elias Cação Ribeiro, existe em Sagres, mesmo na ponta, um forno redondo descoberto por ele. Com a sua autorização o indicamos no presente mapa. No vizinho Murtinhal há também restos de uma *fornax*.

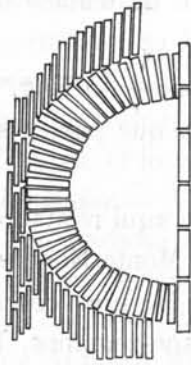
(11) P. Belchior da Cruz, «Antiguidades de Arruda dos Vinhos», *O Archeologo Portugues*, vol. III, p. 143, Lisboa, 1897.

(12) João Baptista Correia, «Salácia», *O Archeologo Portugues*, vol. II, p. 7, Lisboa, 1896.

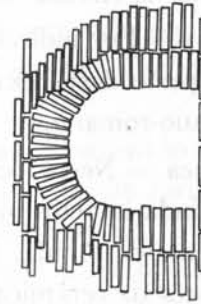
(13) J. Leite de Vasconcellos, «Olaria luso-romana de S. Bartolomeu de Castro Marim», *O Archeologo Portugues*, vol. IV, p. 329, Lisboa, 1893.



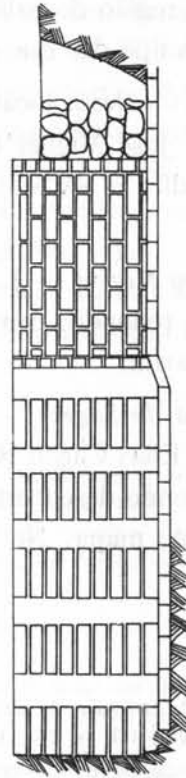
PLANTA



CORTE C-D



CORTE E-F



CORTE A-B

0 2m

Planta e cortes do forno redondo

Des. João Carlos

III — DESCRIÇÃO DOS FORNOS DO PINHEIRO

Na descrição dos fornos do Pinheiro começaremos pelo mais pequeno: hoje apenas se vê a rotunda, pois é um forno circular, e a entrada da *fornax*. Não apresenta já nem grelha, nem arcos ou abóbada da entrada. É todo construído em *lateres* com as dimensões vulgares. As tijoleiras são assentes em argila refractária.

Os outros fornos redondos são duma planta circular perfeita. Escavados também no terreno natural têm o *atrium* revestido dos lados com blocos calcários. Uma parte das paredes laterais é em *opus signinum* (?) ou argamassa de cimento romano; todo o resto é em tijoleira (*lateres*). Têm cinco arcos e apresentam ainda restos da grelha com agulheiros rectangulares.

O estado de conservação destes fornos é impecável. O boldowzer rapou-os ao nível da grelha e da parte superior da abóbada da *fornax*.

IV — COMPARAÇÃO

Para a comparação dos fornos da Herdade do Pinheiro começaremos pelos do País. Assim os fornos redondos têm paralelo, em Portugal, com o de S. Bartolomeu de Castro Marim⁽¹⁴⁾, com o da Ponta de Sagres e por último com o de S. Sebastião de Leiria. No estrangeiro, em Espanha, temos os das proximidades de Albalat dels Tardugers⁽¹⁵⁾, os de la Roqueta, comarca de Cardona⁽¹⁶⁾, os de Puerto Real (Cadiz)⁽¹⁷⁾, El Vilar (Reus)⁽¹⁸⁾ e, por último, Aerró (Vilanueva y Gel-

(14) J. Leite de Vasconcellos, «Olaria luso-romana de S. Bartolomeu de Castro Marim», *O Archeologo Portugues*, vol. IV, p. 329, Lisboa, 1893.

(15) A. Monzo Nogués, «Notas arqueológico-pre-históricas del agro saguntino», *Anales del Centro de Cultura Valenciana*, XIV, Valência, 1946.

(16) M. Petrus, «Prospecciones arqueologicas en la comarca de Cardona», *Ampurias*, XIX-XX, Barcelona, 1957, p. 208-210.

(17) M.^a J. Jimenez Cisneros, «Beobachtungen in einem römischen Hopperberink bei Puerto Real, Prov. de Cadiz», *Germania*, 36, 3/4, Berlim, 1958.

(18) J. Puig I Cadafalch, «L'arquitectura romana a Catalunya, Barcelona, 1934.

trú) ⁽¹⁹⁾. Fora de Espanha citamos os de Cahors ⁽²⁰⁾, Holdeurn ⁽²¹⁾, Normanfield Castor (Norwich) ⁽²²⁾ e por último os de Phanagorie y Kertch classificados como do século IV A.D. ⁽²³⁾.

V — CONCLUSÕES

A *fornax* é a palavra geral para designar o verdadeiro forno de características industriais ⁽²⁴⁾.

Segundo Fletcher Valls e Alcacer Grau ⁽²⁵⁾ podemos indicar os seguintes tipos de forno para a cozedura de cerâmica (*figlinum* ou *fictiles opus*):

- 1 — forno de lar circular;
- 2 — forno de planta ovalada — um pouco semelhante mas não igual ao forno quadrangular do Pinheiro agora estudado;
- 3 — forno de planta rectangular com um só lar;

- a) de grelha rectangular
- b) de grelha circular

- 4 — fornos de planta rectangular com dois lares;

- a) com pilares centrais
- b) com parede central

⁽¹⁹⁾ A. Ferrer, «Prospecciones en Yacimientos romanos de Sitges y Vilanueva y Geltrú (Barcelona)», *Arch. Esp. de Arqueologia*, XXVIII, Madrid, 1955.

⁽²⁰⁾ A. Vire, «Le Quecy à l'époque romaine (Lot et partie du Tarn-et-Garonne)», *Revue Archéologique*, 6^e série, XVI, Paris, 1940.

⁽²¹⁾ W. C. Braat, «Les tuileries et les poteries romaines du Holdeurn à Berg-en Dol près de Niméguen», Leiden, 1946.

⁽²²⁾ L. Francet, «Ceramique primitive. Introduction à l'étude de la technologie, leçons de l'Ecole d'Anthropologie», Paris, 1911.

⁽²³⁾ E. Bellin de Balbu, «Fours de potiers romains à Kertch et à Phanagorie», *Revue Archéologique*, 6^e série, IX, Paris, 1937.

⁽²⁴⁾ L. de Albuquerque e Castro e M. Lúcio Cordeiro, «Um fornax... op... cit...».

⁽²⁵⁾ Domingo Fletcher Valls y Jose Alcacer Grau, «El horno romano de Olocau», *Archivo de Prehistoria Levantina*, vol. IX, Valência, 1961.

Os fornos para a cozedura de cerâmica quer para a olaria, quer para materiais de construção (*tegulae, imbrices, lateres, etc.*) obedeciam ao seguinte esquema genérico de trabalho:

- a) fornalha — local onde se fazia o fogo de lenha;
- b) grelha ou tabuleiro sobre a suspensura da *fornax* ou fornalha como nas *hypocausta*;
- c) lar ou forno pròpriamente dito (onde se colocava o material a cozer);
- d) abóbada ou cobertura do lar (*summa fornax*);
- e) chaminé (se a tinha).

Nos fornos lusitano-romanos ou hispano-romanos para a cozedura de cerâmica (*senso lato*) foram utilizados dois sistemas:

- a) os materiais ou substâncias a cozer eram metidos na câmara refractária (em abóbada); depois tudo era envolvido pelo fogo, gases, chamas, fumos e o próprio ar aquecido;
- b) as substâncias a cozer eram metidas na câmara de cozedura e esta atravessada pelas chamas sem contudo actuarem directamente sobre o material a cozer de modo a não o queimarem.

Estão neste caso a cozedura das loiças finas como a *sigillata*, as *lucernae*, etc.

O pequeno forno redondo da Herdade do Pinheiro, infelizmente muito destruído, parece ter servido para a cozedura de louça fina. Os outros dois eram para cerâmicas industriais ou domésticas ou de uso comum (*dolia, potes para o garum, amphorae, etc.*).

Pode dizer-se que os fornos pequenos, como os da antiga Grécia, eram redondos e não ultrapassavam o metro e meio de diâmetro na base; era necessário refazer a cúpula depois de cada cozedura. Ora, parece-nos, que o pequeno forno da Herdade do Pinheiro poderia muito bem estar nestas circunstâncias. As peças a cozer eram metidas no lar ou forno pròpriamente dito. Acabada a cozedura, sempre vigiada por uma abertura com tampa no muro, refazia-se a parte supe-

rior, esta em forma de cone, acabada em chaminé (26). No pequeno forno redondo da Herdade do Pinheiro ainda hoje se vê que a rotunda deveria ser em cone para a parte superior.

A cerâmica encontrada nas entulheiras nas vizinhanças dos fornos grandes da Herdade do Pinheiro é toda do tipo doméstico ou industrial. Pela espessura e extensão desses restos pode supor-se que os fornos trabalharam imenso tempo. Geograficamente este conjunto industrial de olaria da Herdade do Pinheiro fica na margem do Rio Sado, quase em frente da cidade conserveira de Tróia. Estamos convencidos que muita da cerâmica empregada em Tróia foi cozida nestes fornos. A grande quantidade de bordos de potes para o *garum*, aqui encontrada, a isso nos conduz.

De qualquer forma parece-nos que a descoberta deste conjunto de fornos é muito importante para o conhecimento da olaria doméstico-industrial na época lusitano-romana; e se serviu, como pensamos, para alimentar as necessidades de vasilhame da cidade industrial de Tróia, podemos datá-lo até ao século IV porque a partir desta época começa a decadência em Tróia e em todos os estabelecimentos conserveiros do ocidente peninsular (27).

Depois das escavações que se deverão efectuar em breve na área dos fornos e nós próprios, iremos ver as surpresas que surgirão para o estudo da cerâmica ou outro qualquer elemento que possa trazer novas datas para a cronologia dos fornos agora estudados e das relações com a cidade conserveira de Tróia, no outro lado do Sado.

*

* *

Muito reconhecidamente agradecemos à ilustre proprietária do Monte do Pinheiro, Madame Jacques Violet e ao sr. Eng.º José António Ferreira Lima as facilidades concedidas para o estudo dos fornos.

(26) Emile Mireau, «A vida quotidiana nos tempos de Homero», Lisboa, 1958.

(27) Michel Ponsich et Miguel Tarradell, «Garum et industries antique de salaison dans la Méditerranée occidentale», *Presses Universitaires*, Paris, 1965.

O. da Veiga Ferreira, «Algumas considerações sobre as fábricas de conservas de peixe da antiguidade encontradas em Portugal», *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV, Beja, 1966-1967.

R É S U M É

Après avoir fait l'historique de toutes les découvertes de fours romains au Portugal, les auteurs du travail font la description des fours qu'ils ont trouvé à Herdade do Pinheiro, dans la région de Marateca (Setúbal).

Ayant comparé ces fours avec d'autres de même type connus au Portugal et à l'étranger, ils expliquent les processus utilisés pour la préparation des poteries et terminent par des considérations générales sur la nature et l'importance des poteries trouvées aux alentours des fours décrits.



1 — Vista dos fornos



2 — Pequeno forno visto da entrada



3 — Câmara do primeiro forno redondo



4 — Grelha do primeiro forno redondo



5 — Entrada do segundo forno redondo



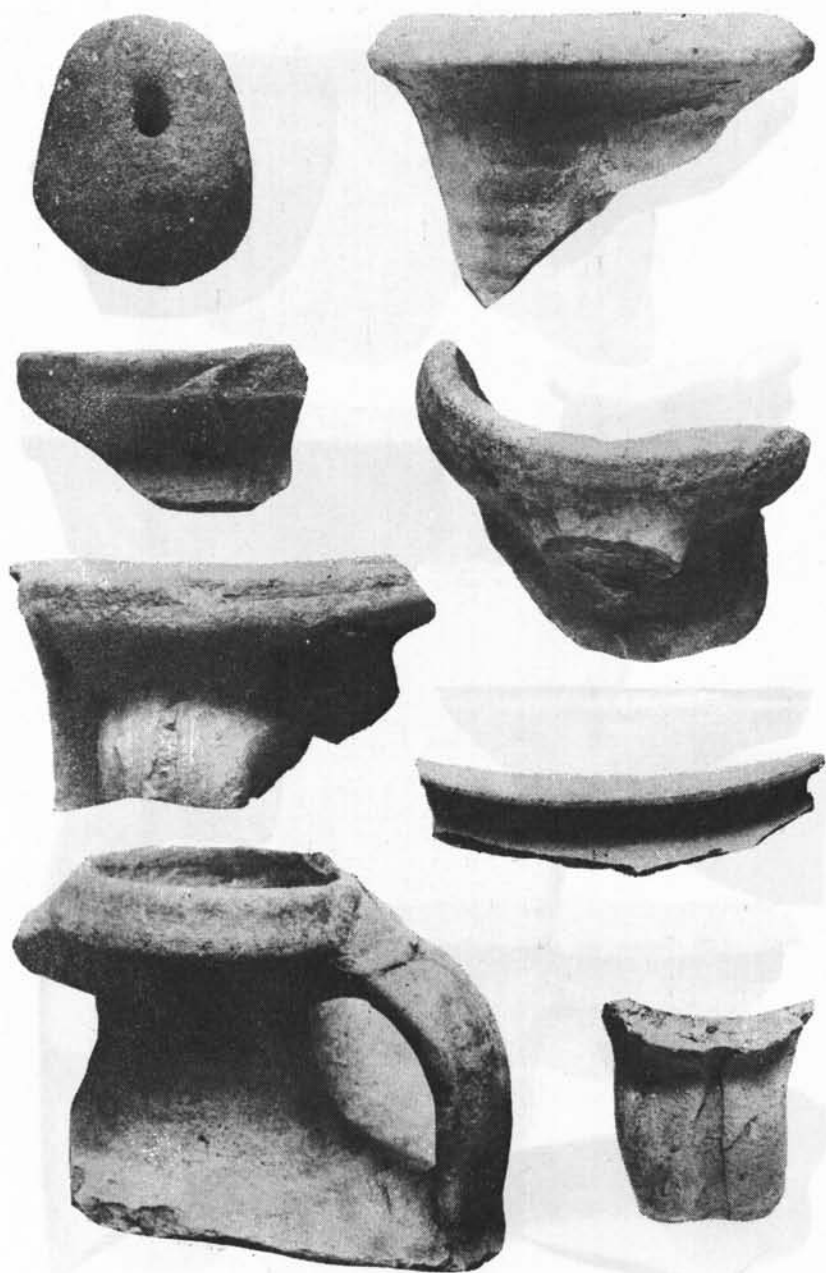
6 — Entrada do primeiro forno redondo



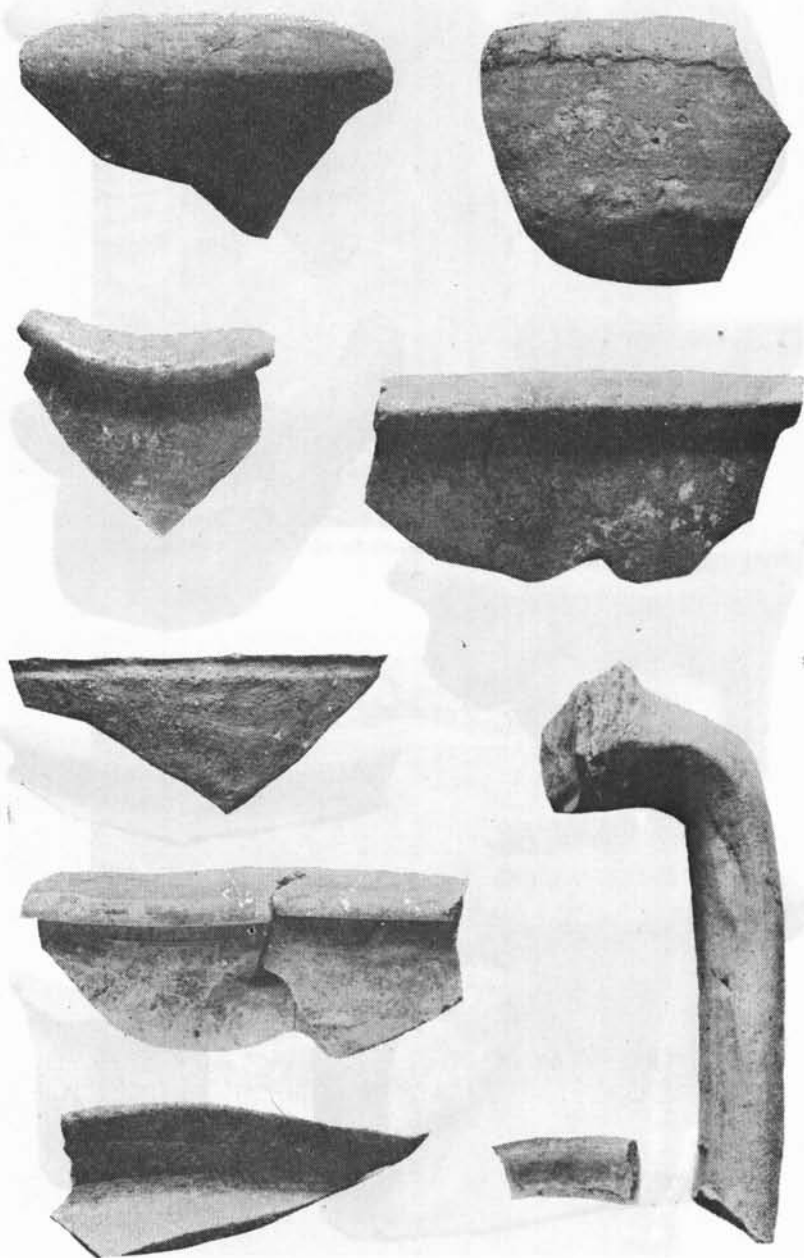
7 — Pormenor do arco da «fornax» do primeiro forno redondo



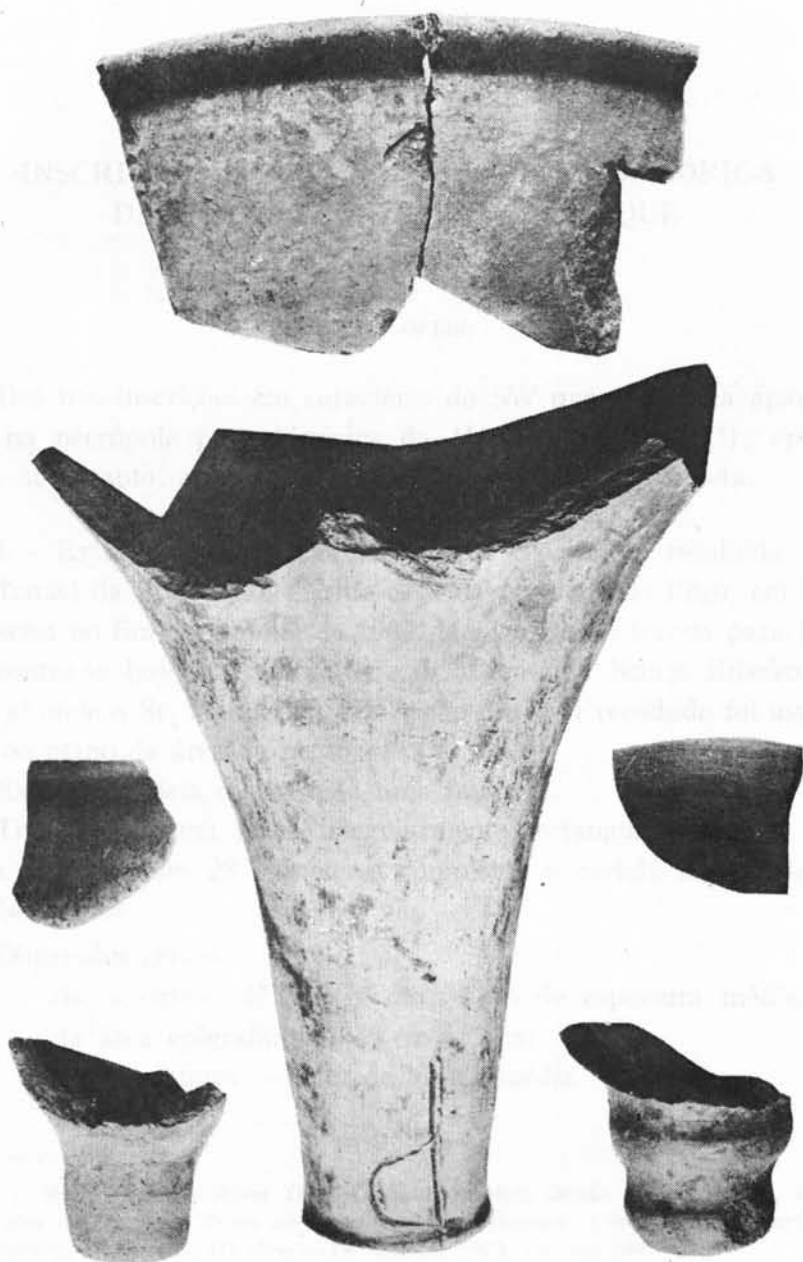
8 — Um dos arcos do primeiro forno redondo



Cerâmica doméstica Lusitano-romana



Cerâmica doméstica Lusitano-romana



Cerâmica doméstica Lusitano-romana